

# Stadium

N.º 362  
9 - Novembro - 1949  
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

*FAUSTO COPPI, o maior corredor do Mundo, nas pistas do Alvalade. É o da direita, seguindo-se-lhe Fernando Moreira e Sergio Coppi, dois magníficos ciclistas*



# FINALMENTE!

# O CASA PIA A. C.

## vai ter o seu campo de jogos!

**F**INALMENTE o nosso Casa Pia já tem um campo de desporto! Esta novidade tem dentro do Casa Pia Atlético Clube um sabor especial.

Há dez anos que o campo do Resto desapareceu, esse campo que ajudava as equipas à luta desportiva, ali, paredes meias com os claustros dos Jerónimos—da Casa Pia. Desde então tudo tem sido esforço, sacrifício, dificuldade. Um clube sem um campo de desporto é um corpo sem alma. Mas a alma casapiana ia vencendo, sobrepondo-se a todas as vicissitudes. Momentos amargos que agora recordam com satisfação pela vitória conseguida nesta luta de anos aguentando o sopro de vida do seu clube.

As portas iam-se fechando. Os favores chegavam ao fim. Quase era o desespero. Apetecia desistir, acabar com aquilo... De uma vez, era o golpe fatal, em plena Associação de Futebol de Lisboa, o Casa Pia era avisado de que tudo

estava terminado. O clube não tinha nem apresentava um campo para os jogos e não poderia inscrever-se no campeonato.

Todo o seu passado, a finalidade que fundara o clube, a sua colaboração no futebol português, nada poderia contra a realidade: não dispunha de um campo de um campo de jogos! Luta inglória de tantos anos. Mas o Casa Pia, no minuto decisivo, no instante máximo em que venceu abateria a sua bandeira, renasce, ainda mais uma vez, para a vida desportiva, para continuar a ser o lar casapiano. Um clube modesto, simpático, accorria orgulhoso do seu gesto.

Tem o nosso campo ao vosso dispor, até quererem, até precisarem. Era o Estrela da Amadora. Por lá tem andado o Casa Pia, fóra de portas, sofrendo as despesas de deslocações, sem campo para treinos, sem o seu campo. Mas tem vivido, ano após ano, com as balizas às costas... e a esperança no futuro.

Cantaram agora vitórias, justas, merecidíssimas. A cruzada dos casapianos vai continuar, mais bela e fortalecida.

— O Casa Pia já tem o terreno para o seu campo de jogos — disse-lhes o sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

O Casa Pia desde então lançou-se de braços abertos para a grande realização. O seu futuro campo não era um projecto, era mais qualquer coisa. E o acolhimento vinha de todos os lados rodeado de simpatias. O sr. presidente da Câmara ajudando-os, o sr. presidente do Conselho dando os despachos que tudo auxiliavam, o sr. ministro das Obras Públicas, chefes de gabinete, repartições de urbanização, uma onda de simpatias, de excelente ajuda.

Lá estão os terrenos, em Benfica, na Quinta dos Marechais. Terá um campo relvado, campos de basquetebol, voleibol e tenis, bancadas e todas as instalações necessárias. O Estado dará a participação de 50% do custo das obras. Entretanto, enquanto as

obras se efectuam, o Casa Pia terá um campo em Lisboa, o de Santo Amaro, que foi do União de Lisboa. Cedeu-lhe a Câmara Municipal, provisoriamente, que os terrenos são abrangidos por um plano de urbanização.

O projecto está pronto. E' de um casapiano — o sr. arquiteto Palma de Melo.

Termina em bem a odisséia destes dez anos do Casa Pia sem campo de jogos. O momento que passa dentro do clube é de solidariedade intensa. Tudo e todos pelo Casa Pia A. C., onde os sócios vão pagar espontaneamente as suas entradas no campo de Santo Amaro, para custear as despesas ali feitas. E os seus jogadores de futebol são os primeiros contribuintes, eles que nada recebem...

O Casa Pia não morreu nem fraccassou. Anima-o a mesma coragem e o enorme entusiasmo de sempre pelo desporto. Ao mesmo tempo os casapianos dão-nos um bellissimo exemplo de perseverança e dedicação pelo simpático clube.

REVISTA

**Stadium**

Vende-se no RIO DE JANEIRO

na CASA VANNI

161, Avenida Rio Branco, 161

FERNANDO SÁ

**GRAVURAS**

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

**Automobilismo**  
Em Madrid

O Grande Prémio Automobilístico de Madrid, disputado no Circuito da Cidade Universitária, terminou com uma brilhante vitória do condutor francês Sommer, pilotando um carro Simca-Gordini, à velocidade média de 98,238 quilómetros à hora (tempo conseguido na eliminatória).

Em segundo lugar ficou o piloto italiano Trintignant, da mesma equipa, com mais trinta segundos. Os corredores Fagioli, Chiron e Farina, desistiram quase no termo da corrida.

Ano VII — II Serie — N.º 362  
Lisboa, 9 de Novembro de 1949

**Stadium**

REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31167 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe de Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

## CAMPEONATO DE JUNIORES



Principiou a disputar-se mais um campeonato de juniores organizado pela A. F. L. a que concorrem 24 equipas divididas por 5 séries. E' a primeira fase do torneio — uma prova que serve magnificamente a propaganda e o interesse do jogo da bola. A esquerda: Uma fase do encontro Benfica-Atlético, vendendo o guarda-redes deste em acção. Repare-se na actividade acrobática do pequeno campeão do Benfica! A direita: Uma fase movimentada da defesa no desafio Belenenses-Casa Pia

# A Federação das Astúrias

quere jogar contra

## Lisboa e Porto

**VEIO** expressamente a Portugal na última semana para preparar desafios contra Lisboa e Porto o secretário-geral da Federação Asturiana, sr. Eduardo Rodríguez, que se fazia acompanhar de um adepto do futebol, seu cunhado.

Eduardo Rodríguez que dirige a referida Federação há 25 anos e a quem val agora ser prestada uma bela homenagem, é figura conhecida e respeitada em toda a Espanha, sendo escutado sempre o seu conselho e opinião.

Em Lisboa e no Porto, aquela dirigente espanhol avistou-se com os presidentes das respectivas Associações. O sr. dr. Campos Figueira, e o mesmo sucedeu no Norte, recebeu com todas as atenções o enviado das Astúrias e manifestou-se abertamente pela efectivação do encontro, desde que fosse possível solucionar o problema das datas.

Em princípio, referiu-se o dia de 8 de Dezembro como uma probabilidade da Associação de Futebol de Lisboa se deslocar, recebendo em data posterior ou na próxima época o futebol asturiano. Mas isto é, evidentemente, uma hipótese. Os dois organismos estudarão agora a solução melhor.

Com o Porto, deu-se precisamente a mesma coisa. O grande óbice para estas iniciativas é sempre a data!

## CAMPEONATO DO MUNDO à vista!

**C**ONTINUA a verificar-se o mais condenável silêncio no que se refere à preparação da equipa nacional. Todos estão de acordo quanto a tratar-se de um problema de extrema gravidade carecendo de solução urgentíssima, mas, no entanto, nada se faz, o que deriva da situação criada.

A Comissão Administrativa da Federação está demissionária, e, por via disso, não quer deixar para quem lhe suceder uma herança de responsabilidade, preferindo naturalmente cruzar os braços e deixar-se estar quieta, à espera dos acontecimentos.

Mas por outro lado, como não se fazem eleições federativas e como não é nomeada uma nova Comissão Administrativa, os dias vão passando ligeiramente e nada de novo. Quando, aliás, se fizer alguma coisa, bem poderá suceder que o mal não tenha cura. Isto, na hipótese, de, mesmo agora, alada se poder salvar o doente...

Em todo o caso, por esses países fora, todos olham para o Campeonato do Mundo e preparam-se convenientemente. A Inglaterra, por exemplo, está a ter cuidados que nunca teve. Quanto ao Brasil, nem se fala! A Argentina, a Itália, a França, a Espanha, enfim, todos, trabalham com afinco.

# No Mundo da Bola

Pelo Jornalista Desconhecido

## CONTA-GOTAS

### Os ingleses em Espanha

De quando em vez chegam-nos notícias de que grupos ingleses se deslocam a Espanha para partidas amigáveis de futebol, mas a verdade é que o tempo passa e as referidas deslocações dessas equipas não se verificam. Como o futebol inglês continua a ter grande prestígio em todo o Mundo, em Espanha deseja-se ardentemente ver em acção os chamados *Mestres*, mas tal não passa de um mero desejo.

Agora, por exemplo, diz-se que a famosa equipa do Arsenal visitará Madrid, jogando contra o Atlético, na Festa de Homenagem de Aparicio. Bem merecia o simpático defensor internacional uma excepção, mas, estamos em crer que, ainda desta vez, o Arsenal ficará em Londres.

### Frente ao público...

Outro dia vimos no campo do Estoril uma cena desagradável! Não interessa a figura central à volta da qual gira este comentário. Basta que se saiba tratar-se de um jogador de renome. Mas interessa o seu comportamento, pois, várias vezes, demos pelo jogador em discussão com gente do público, por palavras, mas principalmente por gestos (subindo e baixando a mão em frente da cara, como a inculcar que o público é saloio!).

Semelhante procedimento da parte do jogador exige séria reprimenda do juiz de campo, a quem as R. Regras conferem poderes para o efeito. Esta conduta é manifestamente incorrecta e não pode tolerar-se.

Certamente, os adeptos exageram muitas vezes nos seus apaixonados entusiasmos, e na exteriorização dos mesmos, mas tal não dá o direito dos jogadores

ofenderem toda a assistência. Estas, como pessoas que trabalham ante e para o público, tem de sofrer o julgamento sem protestos, e, muito menos, sem atitudes de revindicta em termos de plena incorrecção. O jogador deve respeitar o público.

### Um ramo...

Somos um povo sentimentalista, e não demos envergaduras da nossa feição e temperamento. Ante esta pieguice do que ser duro e cruel, como é característico doutras raças.

Vem isto a propósito do gesto simples e ao mesmo tempo uma linda ideia de um português que impressionou profundamente a população de Turim.

Jose da Silva Pinto, conhecido adepto do F. C. do Porto, e desportista com larga folha de serviços, juntamente com um amigo, Amaral Leitão, seguindo para Itália, lembrou-se de levar de Portugal um ramo de flores com fitas das cores do seu clube e depositou-lo no campo do cemitério onde repousam os restos daqueles que foram os maiores jogadores de Itália.

Acompanhados por um dirigente do Torino, aqueles portugueses, seguidos por considerável multidão visto a notícia se haer espalhado rapidamente, deixaram na campa dos jogadores, onde se encontravam as desoladas viúvas de Mazzola e Maroso, a homenagem simples de todos os portugueses.

Foi um pequeno nada, uma cerimónia simples, mas o povo de Turim que conserva inalterável a doce recordação dos seus filhos dilectos, ficou extraordinariamente impressionado e apreçou verdadeiramente o gesto sentimental dos nossos compatriotas.

## CORRE QUE...

Barrigana já está a treinar no Porto, mas mesmo assim segredam-se combinações entre ele e o Benfica.

♦ Rino Martini, o treinador italiano, e o Belenense fizeram um contrato por três anos. Na verdade, um treinador só se pode revelar num prazo longo.

♦ A Comissão Central de Arbitros se reuniu no passado domingo no Porto. Sempre é uma variante.

♦ A nomeação de um árbitro de Setúbal para um desafio em que participe o F. C. do Porto é coisa impossível...

♦ No documento entregue superiormente, mantendo a opinião de que deve ser nomeada uma nova Comissão Administrativa para a Federação indicam-se três nomes para formar o Conselho Técnico: Ribeiro dos Reis, Virgílio Paula e António José de Melo. Mas a primeira das pessoas indicadas parece não estar disposta a trabalhar com a secção.

♦ A questão «eleições federativas» deslocou-se agora do cargo de tesoureiro para a divergência relativa ao secretário geral. No fundo, mantem-se tudo na mesma.

## O DIA Internacional de Futebol

**C**ONTAM-NOS, e a notícia chega-nos por mão amiga de regresso do estrangeiro, que várias Federações Nacionais se dirigiram à Federação Internacional, no sentido de considerar-se a data de 4 de Maio, assinalada pelo brutal deslance de Superga como a maior tragédia desportiva, como o Dia Internacional de Futebol.

Nessa data, em todos os países, seriam comovidamente relembrados os grandes jogadores italianos que regressavam a Turim após o desafio com o Benfica no Estádio Nacional, prestando-se assim uma justíssima homenagem ao futebol italiano, que ainda conserva o título supremo de campeão do Mundo, e traduzindo-se em actos positivos essa homenagem. As Federações competiria a organização do «Dia Internacional de Futebol» e não seria demais atribuir a receita ou parte dela ao Torino, que, ferido pela desgraça, está a reagir magnificamente e outra vez a honrar o futebol italiano.

Não é sem um estremecimento que, ainda hoje, apesar do tempo sarar ou atenuar todas as feridas, nos lembramos da tragédia que entristeceu todo o povo português, produzindo uma das maiores e mais comovidas manifestações que temos observado em Lisboa. Entendemos por isso que, ligados ao acidente embora por mera casualidade, e mesmo que tal não se desse, devemos à Itália uma solidariedade aboluta.

Não sabemos se a notícia já chegou à Federação Portuguesa, mas o organismo não deve esperar que tal aconteça mas sim procurar saber se tal notícia teve foros de verdade e se confirma, para, em caso afirmativo, juntar-se ao bloco das Federações que tal propósito se incondicionalmente ao lado da Federação Internacional para a organização da partida ou partidas fazendo parte do «Dia Internacional de Futebol». Impõe este procedimento a sensibilidade portuguesa e os predicados de uma raça que sempre se tem distinguido p. los seus actos de fidelidade, cavalheirismo e nobreza de carácter. Trata-se de um dever do futebol português.

Assinem a STADIUM

**E** felizmente, a incerteza continua. As nuvens acumulam-se para uns lados, enquanto para outros rainha o sol.

Os resultados inesperados sucedem-se, para arrelia dos adeptos (lei das compensações), e para sua alegria.

De facto o equilíbrio, mais evidente nalgumas séries, mais desprezível noutras, é palpável e nítido.

E assim o jogo da competição mantém-se e nenhum clube parte confiado para qualquer encontro. As cascas de laranja surgem donde menos se esperam.

E no campeonato deste ano, nomeadamente na série 6, elas são sucessivas.

Ora isto só pode agradar, pois demonstra que se tem trabalhado e que o contacto entre grupos mais modestos e outros mais categorizados, traz benefícios.

E a consequência directa desta igualdade, é que os grupos maiores não descuidam a sua preparação e que os mais pequenos se aplicam e trabalham com vontade para subir, e poder biter já nos grandes.

Os novos jogadores, estimulados e melhor preparados, reagem mais facilmente e o futebol nacional deve viver de novos jogadores.

E o campeonato, jogadas cinco jornadas, mantém vivo o interesse inicial.

Não falamos do Oriental e do Portimonense, que ocupam lugares à parte. Os seus casos estão praticamente selados.

Mas em contra partida, temos bem à vista o exemplo da série 6.

Só o agrupamento dos clubes de Setúbal veio prejudicar possível arranjo com os grupos de Lisboa e assim cortar o interesse na série 5, não há dúvida que a rivalidade regional existente torna a classificação confusa e difícil.

E assim vemos um Almada derrotado, manter-se à mesma no primeiro lugar, beneficiando dos empates que o Barreirense e a Cuf consentiram.

E mais uma vez, na série 6, se coloca o resultado mais sensacional da tarde.

Ginásio do Sul, equipa jovem

## SEGUNDA DIVISÃO

# Ginásio do Sul com o melhor resultado Académico do Porto em foco!

que Augusto Amaro agora treina, foi a casa do Cova da Piedade, arrancar um precioso triunfo.

E esta erise do Cova da Piedade, que começou o campeonato da melhor maneira, surge cedo e faz pensar mais em causa moral que em outra qualquer. Nenhuma equipa cai tão depressa, se não houver interiormente qualquer razão a miná-la.

Claro que isto de nenhuma maneira empana o brilho da vitória ginastas.

O Vila-Real também alcançou um belo resultado, indo empatar ao campo do Famalicão. Isso lhe valeu manter o primeiro lugar.

Surpreendem os números que o Monção alcançou. Revela progressos.

Mercê duma bellissima vitória em casa do Sanjoanense, o Leixões sustenta ainda o ceptro do primeiro lugar. Vai bem encaminhado e a equipa demonstra coesão.

O Académico alcançou força de tomo. É possível que, agora, a equipa adquira balanço e levante o b ç.

B. avista e Espinho seguem cautelosos. Muito há ainda a esperar destes dois grupos.

Académico de Viseu e União de Combra, com resultados normais. De registar, a vitória a cheirar a surpresa conseguida pelo Alcanenense. Santaém perde terreno.

O Oriental soma e segue. Explendida vitória do Casa Pia e carreira bonita do Alhandra.

União de Montemor não deixa a esboça e alcança resultados concludentes.

O Portimonense derrotou por

resultado expressivo o seu valoroso competidor.

E será assim até à segunda epoules. Depois, é que a coisa deve ser mais seria...

A. J. DE FREITAS

Seguem-se os resultados:

### ZONA A

#### Série I

Monção ..... 4 — Sporting de Fafe 0  
F. C. Fafe ..... 0 — D. Chaves ..... 2  
Vianense ..... 4 — Gil Vicente ..... 0  
Famalicão ..... 1 — Vila Real ..... 1

#### Série II

Sanjoanense ..... 1 — Leixões ..... 2  
Sp. Espinho ..... 2 — Tirsense ..... 2  
Leça ..... 2 — D. Aves ..... 0  
Oliveirense ..... 1 — Académico ..... 2  
Boavista ..... 3 — Beira-Mar ..... 1

### ZONA B

#### Série III

Covilhãense ..... 3 — L. Vilmeinhos ..... 1  
Acad. de Viseu ..... 1 — S. L. Viseu ..... 0  
Sp. Lamego ..... 1 — Castelo Branco ..... 0  
Guarda ..... 4 — Gouveasense ..... 0

#### Série IV

Alcanenense ..... 3 — «Leões» ..... 2  
G. Alcobaca ..... 2 — Naval ..... 2  
Conimbricense ..... 0 — Marialvas ..... 0  
U. Coimbra ..... 4 — Rossense ..... 2  
Torresense ..... 2 — Ferroviários ..... 2

### ZONA C

#### Série V

Oriental ..... 3 — S. L. Oliveis ..... 1  
Alhandra ..... 2 — Palmense ..... 0  
Casa Pia ..... 6 — Arrols ..... 2  
Operário ..... 3 — Futebol Beatica ..... 1

#### Série VI

Selzal ..... 1 — Cuf do Barreiro ..... 1  
Barreirense ..... 1 — Luso do Barreiro ..... 1  
Montijo ..... 2 — Almada ..... 1  
Cova da Piedade ..... 1 — Ginásio do Sul ..... 2

### ZONA D

#### Série VII

Campomaiorense ..... 1 — Juventude ..... 1  
Lusitano (Evora) ..... 1 — Estrela (Portugal) ..... 1  
União Sport ..... 5 — Estrela de V. N. O ..... 1  
Portalegrense ..... 5 — Elétrico ..... 1

#### Série VIII

Portimonense ..... 4 — Sp. Farense ..... 1  
Atlético de Moura ..... 0 — D. de Beja ..... 2  
S. L. e Faro ..... 2 — Aljustrelense ..... 2  
F. C. Silves ..... 1 — Boa Esperança ..... 2



**PAÇO DE ARCOS, 4 — BENFICA, 2** — Este jogo de hóquei em patina disputou-se no Pavilhão dos Desportos e foi seguido com vivíssimo entusiasmo. A fase representa um ataque do Benfica às balizas do Paço de Arcos



## A "Grande Festa de Outono"

As regatas que o Clube Náutico «Mare Nostrum» organizou no passado domingo em frente de Belém constituíram magnífica jornada para o desporto da vela. Muitas embarcações, de várias classes e tipos, navegaram num Tejo um pouco agreste mas espelhado pelo Sol como o demonstra o nosso cliché, feito no momento de uma largada.

As regatas que o clube organizador denomina «Grande Festa de Outono», chamaram a atenção de muito público que desta vez pôde seguir de terra uma regata de vela, pois o percurso, traçado no triângulo Belém-Banatica-Belém, permitia observar as variadas fases das provas. Como propaganda parece-nos muito útil a iniciativa.

Ao lado — O «sharpies de 12<sup>m</sup>3, tripulado por José Rosa e Eurico Ross, da Brigada Naval, conclue vitorioso a prova destinada aos barcos da sua classe.



# A vinda de Fausto Coppi a Lisboa

contituiu um grande cartaz e proporcionou boas exhibiçoes na pista do Lumiar

A temporada oficial do ciclismo fechou em atmosfera de entusiasmo—primeiro. Gino Bartali, o «monge voador», homem de vida austera que pôde ser e é um campeão de fama mundial; depois, Fausto Coppi, «campeoníssimo de Itália», o «h mem mais veloz do Mundo», grande entre os maiores nomes do ciclismo de todo o Mundo; por fim, a série dos campeonatos nacionais. Fausto Coppi foi, porém, a figura da semana.

tivos de Guilherme Jacinto, Valmitjana, Fernando Moreira e Felix Bermudez — o corredor italiano dominou em todos os «sprints», mesmo quando o atleta se fez de longe, logo no principio da última volta. E houve sempre luta entusiástica, espectacular e empolgante, entre Valmitjana e ele. O corredor do F. C. do Porto classificou-se em segundo lugar, seguido por Luciano Moreira de Sá e Edgar Marques.

Fausto e Serce Coppi tiveram,

depois, um período brilhante na sua eliminatória de «perseguição» por equipas de dois corredores, quando se resolveram a apostar a «caça» a José Martins e Império dos Santos; e Fausto deu uma amostra do seu real valor quando atacou, sóinho, o resto do percurso, a uma velocidade impressionante, rolando esplendidamente. A paragem de Serce, e correspondente desistência, não permitiram que continuasse na prova. E a corrida veio a ser ganha pela equipa do Porto (Valmitjana e Das Santos).

Na «americana», de uma hora, os dois italianos correram em «defesa», com a preocupação de se pouparem, para triunfar com o menor desgaste possível — no assalto para a «meta», em cada um dos «sprints». A movimentação da prova limitou-se, pois, aos lançamentos — e aquilo que as equipas dos clubes portugueses puderam fazer, a tentar fugir para ganhar avanço antes de cada um dos «sprints». Fausto e Serce ganharam apenas pela diferença de pontos, visto que todas as equipas completaram 86 voltas, ou a ja 39.151 metros. E somente a do Campo de Ourique se atraxou por modo sensível. Na classificação seguiram-se: o Porto (Valmitjana e Dias Santos), Sporting A (João Lourenço e Félix Bermudez).

Dentro do programa da noite,



Honório Francisco, do Benfica, novo campeão nacional de amadores-seniores

Honório Francisco, do Benfica, triunfou em duas provas — na «eliminação» e no campeonato nacional de velocidade para amadores seniores. Ernesto Ludovino, do mesmo clube, foi segundo, no campeonato.

Depois das provas de sábado, o festival de amanhã, com programa diferente, deve provocar grande expectativa.

M. O.



Os ciclistas italianos e portugueses que tomaram parte no festival de sábado

Tem, pois, direito, à crónica deste número de «Stadium».

A vinda de Fausto Coppi, a Lisboa, constituiu outro grande cartaz de propaganda. O estádio José Alvalade, por cuja antiga pista passaram também nomes de recorte internacional, voltou a encher-se. O exemplo de Bartali pegou, felizmente. O público provou de facto mais uma vez a popularidade do ciclismo. Poder-se-á entrar com ele, com o seu entusiasmo, quando se lhe oferecerem bons programas.

O público pareceu menos expansivo do que para Bartali, na altura em que Fausto Coppi e seu irmão Serce, deram entrada na pista. Mas não devemos estranhar... A noite estava fria e choveu bastante, um pouco antes... Bartali tinha, aliás, um nome que «falava» certamente mais à sua sensibilidade. E, apesar de mais idosa, apresentou melhor estampa atlética. Fausto, com mais valor desportivo, não parece tanto com o talha físico das grandes campeões. Mas o público soube todavia ser gentil, quando lhe foi apresentado, pelo «speaker», nosso camarada Alberto Freitas. E aplaudiu-o durante a «volta» de honra. Não regateou aplausos.

A melhor exhibição, para provocar entusiasmo, foi a de Serce Coppi, no critério internacional. Após uma série de ataques emo-

CONCLUIDA a quarta jornada do campeonato Lisboa — o vigésimo terceiro da série — começam a notar-se já algumas alterações na tabela. Os números principiam a falar na sua linguagem fria, mas expressiva, há grupos que sobem e números que descem, numa movimentação bem característica que é toda a vida de uma competição.

Por outro lado, o tempo — não esqueçamos que os jogos têm sido disputados, normalmente, nos campos descobertos do Ateneu ou de S. Bento — tem favorecido o regular desdobinar do torneio. Referimo-nos, claro, aos jogos da Divisão maior, aqueles, sem dúvida, que mais atraem o espectador e que bem mereciam desenvolver-se em cenário mais confortável.

Encarando outro prisma, não podemos deixar de referir — e eleger a boa visão da Associação Lisboa — o que representa com vista ao futuro da modalidade, a realização do torneio de juniores, bela e fecunda iniciativa, base segura e séria para a renovação de valores dos quadros clubistas, que tem fatalmente que dar-se, mais tarde ou mais cedo.

O primeiro dia da quarta jornada teve como nota dominante e sensacional a derrota do Benfica — o «leader» do torneio — perante o Moscavide que seguiu na cauda

## BASQUETEBOL

# Benfica e Lisgás à frente da classificação

da classificação. Depois de atingir o intervalo com o marcador em 15-15, a equipa do Moscavide conseguiu superiorizar-se aos «encarnados» por 31-27, alcançando assim uma vitória que estava fora dos mais lógicos vaticínios.

No outro encontro da noite, o Lisgás averb u preciosa vitória sobre o conjunto do Lisboa Giratório, vitória que muito o poderá beneficiar na classificação final do torneio. Embora com desvantagem ao fim do primeiro tempo, pois perdia por 13-11, o Lisgás aplicou-se com muito entusiasmo e decisão, vindo a triunfar por 23-18.

A quarta ronda da divisão principal completou-se na passada sexta-feira no campo do Ateneu, com dois encontros de muito interesse: Algés-Belenenses e Atlético-Sporting.

No primeiro, a equipa azul e branca logrou alcançar a sua primeira vitória no torneio em curso, vencendo o Algés por 32-18.

Atlético e Sporting sustentaram uma partida animada, que manteve o público interessado até final, terminando com um triunfo alcantarense pela tangente: 26 25. Benfica e Lisgás ocupam agora em igualdade os dois primeiros postos da tabela. Já não há grupos que desconhecem a derrota. Como não há, também, que desconhecem a vitória. É o campeonato a ganhar interesse.

### ABREU TORRES

Vejam os como a tabela ficou ordenada após a conclusão da quarta jornada:

	J.	V.	D.	Marc.	P.
Benfica.....	4	3	1	132-95	10
Lisgás.....	4	3	1	108-115	10
Sporting...	4	2	2	165-142	8
L. Ginásio...	4	2	2	127-125	8
Algés.....	4	2	2	97-112	8
Atlético....	4	2	2	114-114	8
Belenenses.	4	1	3	123-135	6
Moscavide..	4	1	3	106-130	6

# Os 40 anos de existência do atletismo português

Foi em 26 de Junho de 1910 que se celebraram em Portugal, na pista do antigo velódromo de Palhavã, os primeiros campeonatos nacionais de atletismo, organizado pela Sociedade Promotora de Educação Física Nacional.

Completeram-se, portanto, esta época cinquenta anos sobre tal acontecimento, embora não sejam cinquenta os campeonatos disputados porque de 1915 a 1922 não se realizaram provas oficiais, por falta de um organismo dirigente.

Pareceu-nos interessante comemorar o aniversário apresentando uma série de números que permitam avaliar o ritmo da evolução progressiva das diversas modalidades atléticas e, também, estabelecer o balanço geral da sua actividade oficial.

A primeira tabela que apresentamos reúne, em cada especialidade, as marcas recordes espaçadas de dez anos, sucessivamente em 1910, 1920, 1930, 1940 e 1949:

100 metros — 12,4 s., 11 s., 10,8 s., 10,6 s. e 10,6 s.; melhoria de 1,8 s.  
200 metros — 25,8 s., 23 s., 22,2 s., 22,2 s. e 22,1 s.; melhoria de 3,7 s.  
400 metros — 63,8 s., 55,8 s., 52,6 s., 52,1 s., 50, s.; melhoria de 13,8 s.

800 metros — 2 m. 23,8 s., 2 m. 10,8 s., 2 m. 3 s., 1 m. 49,4 s. e 1 m. 57,5 s.; melhoria de 26,3 s.

1.500 metros — 4 m. 56,6 s., 4 m. 28 s., 4 m. 16,6 s., 4 m. 11 s. e 4 m. 8 s.; melhoria de 48,1 s.

5.000 metros — 16 m. 37 s., 16 m. 37 s., 15 m. 25,8 s., 15 m. 25,8 s. e 15 m. 25 s.; melhoria de 1 m. 12 s.

10.000 metros — 35 m. 17 s., 35 m. 17 s., 32 m. 23,8 s., 31 m. 23,8 s. e 32 m. 15,8 s.; melhoria de 3 m. 1,2 s.

Barrreira 110 metros — 20,6 s., 17,2 s., 16,2 s., 15,7 s. e 15,4 s.; melhoria de 5,2 s.

Barrreira 400 metros — 1 m. 6 s. (em 1922), 58,3 s., 58,2 s. e 55,1 s.; melhoria de 10,9 s.

Soltos em altura — 1<sup>m</sup> 55, 1<sup>m</sup> 52, 1<sup>m</sup> 52, 1<sup>m</sup> 55 e 1<sup>m</sup> 58; melhoria de 35 cm.

Salto em comprimento — 5<sup>m</sup> 95, 6<sup>m</sup> 37, 6<sup>m</sup> 58, 6<sup>m</sup> 89 e 7<sup>m</sup> 34.

Trípulo alto — 12<sup>m</sup> 39 (em 1916), 13<sup>m</sup> 43, 14<sup>m</sup> 15 e 14<sup>m</sup> 70; melhoria de 2<sup>m</sup> 31.

Salto com vara — 2<sup>m</sup> 90, 3<sup>m</sup> 27, 3<sup>m</sup> 30, 3<sup>m</sup> 70 e 3<sup>m</sup> 70; melhoria de 80 cm.

Lançamento do peso — 9<sup>m</sup> 38, 10<sup>m</sup> 64, 13<sup>m</sup>, 13<sup>m</sup> 40 e 13<sup>m</sup> 955; melhoria de 4<sup>m</sup> 57,5.

Lançamento do disco — 27<sup>m</sup> 67, 33<sup>m</sup> 53, 38<sup>m</sup> 27, 43<sup>m</sup> 70 e 43<sup>m</sup> 70; melhoria de 16<sup>m</sup> 07.

Lançamento do dardo — 31<sup>m</sup> 33, 37<sup>m</sup> 18, 46<sup>m</sup> 92, 50<sup>m</sup> 88 e 56<sup>m</sup> 37; melhoria de 25<sup>m</sup> 04.

Lançamento do martelo — 21<sup>m</sup> 30, (em 1922), 38<sup>m</sup> 56, 47<sup>m</sup> 37 e 48<sup>m</sup> 41; melhoria de 27<sup>m</sup> 11.

Como era lógico esperar, a década de maior progresso foi a primeira, mas na última as diferenças são também apreciáveis, tendo registado apenas os recordes dos 100 m., saltos em altura e com vara e lançamento do disco.

Alguns recordes nacionais se mantiveram na tabela oficial mais de

dez anos, mas houve dois que se mantiveram durante 25 anos: o dos 200 m. em 22,2 s., por Gentil dos Santos, de 1925 a 1948 e o de 1<sup>m</sup> 52 em altura, por Pascoal de Almeida, de 1915 a 1938.

Durante estes cinquenta anos disputaram-se campeonatos regionais e nacionais de estreates (E), principiantes (P), juniores (J), femininos (F) e seniores (S), cujos títulos se distribuíram como segue por 24 clubes de Lisboa, 18 do Porto e 12 da provincia: Sporting C. P., 912 (reg.: 54 E, 50 P, 142 J, 55 F e 257 S; nac.: 6 P, 88 J, 36 F e 224 S).

S. L. Benfica, 634 (reg.: 48 E, 74 P, 117 J, 1 F e 170 S; nac.: 5 P, 94 J, 1 F e 124 S).

Académico F. C., 568 (reg.: 29 E, 58 P, 163 J e 246 S; nac.: 1 P, 13 J e 58 S).

F. C. Porto, 261 (reg.: 24 E, 49 P, 64 J e 110 S; nac.: 2 P, 6 J e 6 S).

C. Internacional F., 242 (reg.: 6 E, 6 P, 29 J e 76 S; nac.: 19 J e 106 S).

C. F. «Os B. lenenses», 233 (reg.: 13 E, 28 P, 31 J, 41 F e 35 S; nac.: 16 J, 44 F e 25 S).

Sport Clube Porto, 134 (reg.: 3 P, 23 J e 73 S; nac.: 5 J e 30 S).

Académico B. de Braga, 82 (reg.: 13 E, 31 P, 25 J e 11 S; nac.: 1 J e 1 S).

Dos restantes nenhum atingiu as quatro dezenas e são eles: Vendedores de Jornais, 35; Feminino do Porto, 33; Nun'Alvares do Porto, 31; Atlético de Braga, 28; Casa Pia, 26; Ateneu e Salgueiros, 23; Colégio Militar, 22; Almada Vilanovense e Estrela e Vigorosa, 20; Fémina do Porto, 19; Maceira Lis, 18; As. Ac. de Coimbra, 16; Cruz Quebrada, 13; F. C. Gals, 11; Sporting de Braga, 10; Atlético (ou Carcavelinhos) e «Os Treze», 8; Probidade e Ginásio C. P., 6; S. Mame's, Barreireira e Associação Náutica do Porto, 4; Carcavelos e Vitória do Porto, 3; Guarda Republicana de Lisboa, Anadia, Gondomar, Leixões, Operário do Porto, Sanjoanense e Amarante, 2; Parede, Operário de Lisboa, «Cuf» do Barreiro, Lisbon Ginásio, Velo Clube de Lisboa, Campo de Ourique, Ginásio de Leiria, Vitória de Setúbal, União e Atlético de Coimbra, Coimbra's, «Os Treze» da Arcosa, Boavista e Espinho, 1.

Passando aos valores individuais, encontramos os seguintes atletas com mais de 10 títulos nacionais conquistados: Herculano Mendes, 26; Martins Vieira, 16; José Granel, 14; Matos Fernandes e Manuel de Silva, 13; António de Almeida, Francisco Bistos, Manuel Dias e Manuel Nogueira, 11; Alfredo da Silveira, Emílio Ruijs e Gentil dos Santos, 10.

Finalmente, os atletas que mais anos consecutivos conservaram os seus títulos nacionais foram: Herculano Mendes, 15 anos no martelo e 8 no disco; António de Almeida, 8 anos nos 10.000 metros; Manuel Dias, nos 500 metros; Alvaro Dias no comprimento e José Garnal no peso, 7 anos.

SALAZAR CARREIRA

# LEITORES

Nova iniciativa da

## Stadium

Uma série de grandes reportagens gráficas

## Catorze separatas a cores

das equipas dos clubes que jogam na 1.<sup>a</sup> Divisão.

Todos os meses uma ou mais separatas a cores.

CICLISMO

## O CIRCUITO DO RIBATEJO

e as vantagens das provas para corredores populares

EMBORA os novos regulamentos da Federação Portuguesa de Ciclismo tenham abolido as provas para clubes e corredores da categoria chamada popular, são frequentes por todo o país as corridas desse género, organizadas sem a menor fiscalização oficial, em condições que deviam impedir a sua interdição.

No entanto, não há dúvida sobre as vantagens que oferecem essas provas, excelentes factores de propagação da modalidade, alíbore onde se vão colher numerosos valores novos interessantes, se acrescentarmos que a experiência demonstra ser impossível impedir los em absoluto, todas as razões se aliam para aconselhar a regulamentação destes provas, orientando-as no seu verdadeiro papel de preparadoras dos escalões superiores.

Por isso é de aplaudir o acordo concedido pela Direcção Geral dos Desportos à F. P. C., para que fosse autorizado, sob fiscalização do organismo desportivo competente, o 2.<sup>o</sup> Circuito do Ribatejo para ciclistas populares, da iniciativa do S. G. S. «Os Leões».

A prova pode assim decorrer na

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 3-3

Telef. 30078

LISBOA

máxima regularidade, dentro dos preceitos gerais da regulamentação nacional do desporto e os seus resultados poderão exercer numa região onde a bicicleta é popularíssima, eficazes propagandas.

A prova compreendia quatro tiradas, divididas por dois dias e reunida cerca de vinte e cinco corredores, representando três clubes, o que é evidentemente escasso para o possível, mas reflete a influência das imposições oficiais.

Os participantes, refletindo embora a sua inexperiência, bateram-se com vontade firme e, excepto na chegada a Vila Franca, entraram na meta destronados ou em pequenos grupos.

O vencedor, António Albino, do Operário de Santarém, venceu incontestável superioridade, respondendo a todos os ataques e tomando a meta próprio a iniciativa que ditou a decisão na etapa do Cabo a Santarém, que atravessava a sua região. Registe-se, contudo, que nunca conseguiu desembaraçar-se do mais direto rival, José Abrunheira, que concluiu a prova com o mesmo tempo do primeiro classificado.

Além destes dois nomes outros haveria a citar e que possivelmente virão a ser conhecidos no futuro do ciclismo português, como Aníbal Costa, Miguel Rodrigues e o torrenovense Ferreira Cardoso, que prenderam em especial a atenção dos acompanhantes.

# a primeira entrevista de Natividade Gonçalves UM FUTEOLISTA MADEIRENSE que ambiciona representar um clube lisboeta

**T**EM sido a Madeira, desde sempre, um excelente centro «fornecedor» de futebolistas com reais qualidades.

Sem que necessitemos de elaborar vista com todos os atletas que, nas várias deslocações de clubes funchalenses a Lisboa, têm impressionado a crítica, basta-nos — para reforço da nossa afirmação — que citeamos três nomes ao acaso, de jogadores que vieram afirmar-se em equipas continentais, e bastante prestigiar a região de onde são oriundos: Artur de Sousa, o migo «Pinga», Carlos Pereira e Rogério de Sousa.

Não nos surpreendeu, por isso mesmo, que a nossa atenção tivesse sido fortemente «chicotada» pela exibição de um jovem de 18 anos que vimos actuar na principal equipa do Clube Desportivo Nacional, quando este jogou contra o Benfica, no campo dos Barreiros, no Funchal. Podemos mesmo dizer que foi esse futebolista — de parceria com o guarda-redes da sua equipa — o que mais forte impressão nos causou, de entre as dezenas de madeirenses que vimos actuar, aquele talvez em que os insulares mais devem confiar para continuação de um prestigio que muito os orgulha.

O rapaz chama-se António da Natividade Gonçalves, e alinhou a extremo-esquerda da sua equipa. Vendo-o, franzi-lo e de escasso poder fisico, será difícil acreditar que esteja ali um jogador de futebol de valia. E no entanto, é essa a verdade. Dotado de «poder de arranques» impressionante, de fácil domínio de bola, de excelente pontapé, Natividade Gonçalves está destinado por certo a ocupar um lugar proeminente no futebol da sua ilha maravilhosa, quiçá no futebol português, se encontrar quem se disponha a cultivar a sua espantosa tendência para o desporto que prefere.

\*\*\*

Sentimos a oportunidade da entrevista logo que vimos em acção o pequeno jogador. Não contávamos, entretanto, com uma dificuldade: os 18 anos de António Natividade Gonçalves, juntos ao facto de jamais haver sido abordado por alguém dos jornais, faziam-no duvidar das nossas intenções. Mas não desistimos, e voltamos à carga, desta feita utilizando a amizade do camarada funchalense Manuel Abreu, de «O Jornal», que nos apresentou a Luis Quental — um nome grande do desporto madeirense, sobretudo na nataçã, de que é o verdadeiro impulsor na Madeira. E a reportagem fez-se, em cavaqueira amena, já com Nati-



A equipa do C. D. Nacional, do Funchal, que empatou com o Benfica, quando este se deslocou à Madeira. Natividade Gonçalves, o «benjamim» da equipa, é o último do primeiro plano

dade Gonçalves menos tímido, «mais abertos».

E à nossa primeira pergunta — *gosta de praticar o futebol?* — respondeu-nos com alegria:

— Se gosto! Jogo-o desde que tenho entendimento, desde o dia em que os meus olhos viram a primeira bola «a sério», no Rossio.

— E desde quando o pratica com mais assiduidade?

— Comecei em 1946/47, com 16 anos de idade, pois nasci em 8 de Setembro de 1930. Nessa época, e na que se lhe seguiu, alinhei nos «juniores» do Nacional, e disputei o Campeonato da Mocidade Portuguesa. Foi ao serviço desta organização patriótica que pela primeira vez calcei umas botas de futebol.

— Quando asoendeu à principal categoria?

— Praticamente, não devo falar em ascensão, visto que me dispuz a não jogar mais, depois de acabada a época de 1947/48.

— Essa agora?! —

— E' verdade — elucidai-nos Gonçalves. Terminei o meu curso na Escola Industrial, e procurei obter uma colocação que me permitisse situar-me para além da necessidade de depender dos meus pais. Deixei de dispor de tempo, portanto, para a minha preparação, por dele necessitar para tratar da minha vida, e por isso resolvi abandonar o futebol depois do jogo que disputei em Dezembro último, contra o Barreirense, e que foi o primeiro na equipa principal.

— Está, então, já empregado, visto que voltou a jogar?

— Não, infelizmente! A minha situação, nesse capítulo, manteve-se na mesma. E se voltei agora a jogar um desafio de futebol, isso se deve apenas ao pedido que em tal sentido me fizeram. Não espero, porém, continuar.

«A menos, concluiu, que o Nacional me proporcione e que de-sejo: uma colocação.»

— Ainda não foi assediado por clubes lisboetas, dos que visitaram a Ilha no ano corrente?

— Ninguém me fez qualquer proposta, que eu de resto só aceitaria se envolvesse a certeza de um emprego. A despeito dos meus 18 anos, não gosto de viver aventuras...

— Tem preferência por algum clube do Continente?

— Todos me são simpáticos. Aqueles que conheço, claro. Entretanto, posso dizer-lhe que talvez seja adepto do Estoril Praia.

— Das equipas continentais que conhece, qual a melhor impressão lhe deixou, quanto ao futebol praticado?

— A do Benfica, sem dúvida. Gostei muito do padrão de jogo por ela exibido, assim como fiquei impressionado com a classe de Rogério. Mas também gostei imenso de Jacinto, sobretudo da lealdade do seu jogo. Deixe-me até que lhe diga, a propósito, que ainda não consegui atinar com o motivo da sua expulsão do terreno. Também fiquei sendo um admirador convicto de Vieira, o interior estorilista, a quem não vi fazer nada mal. E da linha média do Benfica. Com esta por detrás de nós, deve apeteecer jogar numa linha avançada.

— Além do futebol, pratica mais algum desporto?

— Presentemente, faço apenas nataçã, mas sem espirito de competir com quem quer que seja. Vou ao «Lid.» sempre que posso, e ali passo uns bocados «gradáveis», nadando. Fiz voleibol com entusiasmo, quando era estudante, e fui campeão distrital da Mocidade Portuguesa, em 1947/48. Se um dia conseguir empregarme em Lisboa, então voltarei ao voleibol, juntamente com o futebol.

— Que lugar prefere na equipa?

— Aquele em que jogo, extremo esquerdo.

Para finalizar, pusemos a

## Federação Nacional

**P**OR duas vezes já e por iniciativa diferente, sendo a primeira do nosso colega «Mundo Desportivo», se deligeu criar em Portugal uma federação de ginástica, sem qualquer resultado pratico.

No entanto, não só para satisfazer necessidades internas como ainda para regularizar em certos sectores as nossas possibilidades de relações internacionais, esta federação é de uma conveniência flagrante.

O problema, pelas suas características especiais, apresenta-se realmente de solução embaraçosa; por um lado, é preciso dar ao novo organismo atribuições que promovam a filiação das colectividades praticantes, e, por outro, assegurar-lhe capacidade técnica nas complexas variantes englobadas na mesma designação: ginástica educativa, olimpica, desportiva.

O novo organismo destinava-se a agir em campos diversos e, por isso mesmo, não pode estar enfeudado a determinada entidade internacional; citaremos, para exemplo e porque possui representação no nosso país, a Federação Internacional de Ginástica Ling, cujas características e objectivos são muito especiais e não correspondem ao que interessa no nosso caso particular.

A nossa federação não poderá sujeitar-se à tutela de alguém que lhe seja imposto pelo organismo internacional; terá seus corpos gerentes escolhidos pelas agremiações filiadas, ingressando na hierarquia desportiva, com idênticos deveres e direitos, a par das suas congéneres.

Compelir-lhe-á organizar campeonatos, individuais e colectivos, assegurar as representações internacionais, regulamentar certas praticas e, talvez também fomentar a divulgação de doutrinas e programas que lhe sejam apontados pelos organismos técnicos competentes.

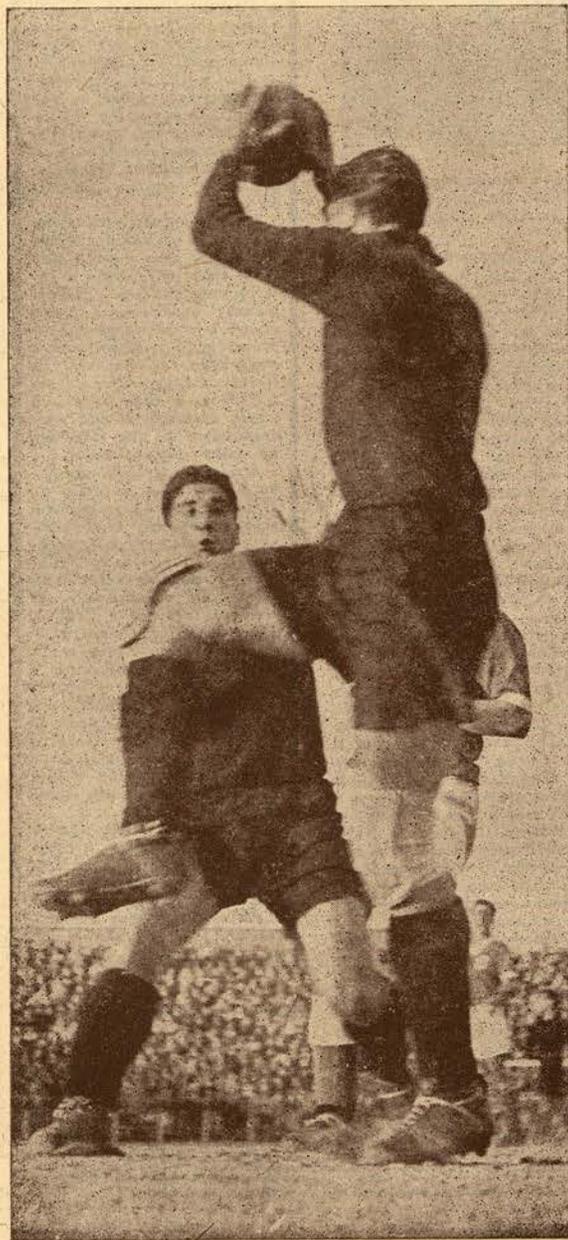
A Federação Portuguesa de Ginástica é uma instituição indispensável para culminar e reunir certas actividades. Por que se não retomam as iniciativas abandonadas?

Gonçalves uma pergunta mais:

— Tem ambições?  
— Apenas uma: arranjar um emprego no Continente, para poder ingressar numa equipa onde pudesse aperfeiçoar-me tecnicamente. Então, sim. Nessa altura poderia dar-me ao futebol com o entusiasmo próprio da minha idade, e com todo o prazer que sinto em praticá-lo.

ROSA DE MATOS

**BENFICA, 1-ACADÉMICA, 1** — Um esforçado ataque do Benfica termina com um remate perigoso, e Capela executa magnífica defesa. Curado brada: — Esta salva a situação!



Foi um remate, na segunda parte, se não erramos, de Arsénio. Capela mergulhou na altura própria e salvou as balizas

## A JORNADA DOS ISOLADOS

**É** indiscutível, e assim também nos parece, que a 5.ª jornada traçou um rumo diferente à mais bela competição nacional. Benfica e Sporting que marçavam juntos, lado a lado — era um par simpático! — desligaram-se, e um passou para a cabeça, isolado, e o outro ficou em 2.º, igualmente sem companhia. Ao ex-remo desprevenido, Benfica está em maré de felicidade, mas a situação não se apresenta tão estável como se poderá concluir. Consideramos o ponto perdido pelo Benfica uma catástrofe mais importante que a do Sporting na Constituição.

A jornada desenvolveu-se com muito entusiasmo em toda a parte. A derrota do Sporting veio modificar o panorama, ficando somente dois clubes sem derrotas: Benfica e Académica. A verdade, incontroversa, é que os respazes de Coimbra ainda não perderam e não parecem muito dispostos a darem pontos aos seus adversários. Registrou-se, enfim, a primeira vitória do Belenenses. E também do Atlético e Oihanense. Desses três triunfos deve destacar-se o conseguido na Tapadinha pelo team da casa, que enfiou meia dúzia de bolas no clube de Guimarães.

Houve dois encontros de grande medida, destes desfechos que apaixonam até ao último instante e que só deixam os adeptos socegados, alegres ou tristes, quando são a ordem de findar a batalha.

Falamos sem reservas. Mas sugelamo-nos perfeitamente ao pensamento dos outros, mesmo daqueles que vêm no mais leve desejo do adversário directo a malícia das eslamidades, esquecendo-se das dores próprias. Os sportingues deliraram com o empate do Campo Grande, e os benficanos ficaram contentísimos com a derrota leonina da Constituição. Esta emulação fundamentalmente valoriza a dura Prova.

Apesar de tudo quanto se possa dizer, o Porto conseguiu bem a sua vitória. Ela podia-lhe certamente ter fugido, mas o seu entusiasmo da segunda parte justifica os dois pontos da ordem. Os leoninos fizeram, no entanto, uma boa partida; a sua ascendência no primeiro tempo tornou-se evidentiíssima. Alguns dos seus remates embiteram na trave portuense, e, embora tal não faça relembrar o conceito do saudoso Artur José Pereto, afirmando que o usar é de quem defende, pois as bolas se, um pouco mais altas, não chegariam a dar no poste, «figura-se-nos estar em presença de um sinal de pouca fortuna. Quando, na segunda parte, a feição se mudou e as iniciativas começaram a ser lançadas contra os sportingues, o Porto

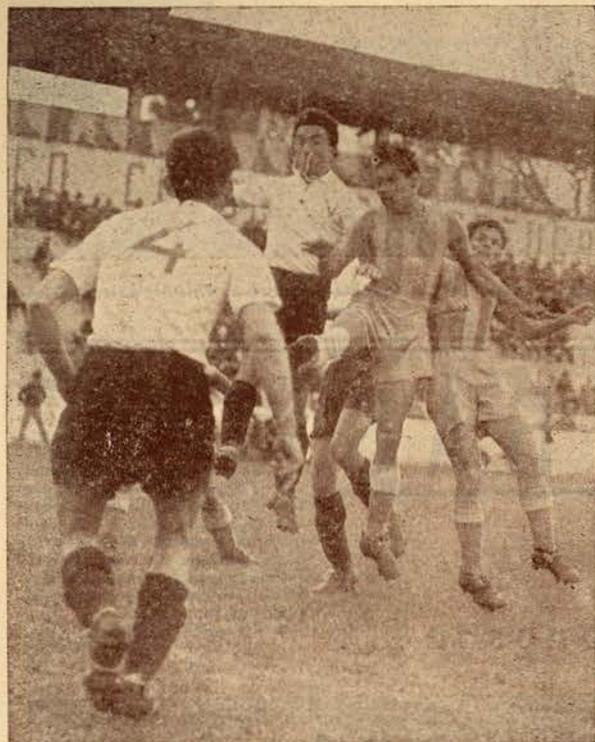
Capela segura com as suas mãos de ferro uma bola alla. Braz parece querer significar ao seu guarda-redes que tenha cuidado...

TAVARES DA SILVA

(Continua na página 12)

# O EMPATE BENFICA-ACADEMICA

A 1.ª vitória do Belenenses e do Atlético



**ATLÉTICO, 6-GUIMARÃES, 0** — Jogada de ataque do Atlético, com intervenção decidida de Ben David, cuja progressão no terreno é cortada por Armando e Cerqueira



De cima para baixo — O avançado parece lutar com vantagem relativamente ao guarda-redes; Ferreira, irmão do internacional do Benfica, segue atentamente o lance... E Marinho não conseguirá tirar a bola, apesar do guarda-redes ainda não a ter bloqueado capazmente



**BELENENSES, 2-ELVAS, 1** — De cima para baixo — Um ataque impetuoso do Belenenses, vendo-se Sidónio, Garnacho e Rocha em acção, e o guarda-redes do Elvas (Marques) na defesa de um golpe de cabeça do centro deanheiro de Belem. Uma verdadeira m-lée: o guarda-redes tira a bola do corpo de Sidónio, caído por terra e os outros rodeiam a cena... No preciso momento do remate, a bola é arrebataada por alto da cabeça de Garnacho

## Segunda Divisão



Leixões 6 Espinho 2 — O ponta-esquerda do Leixões passa a defesa e remata a contar



TIRO DE GUERRA — Os concorrentes ao Campeonato Nacional

# JOAQUIM BRÁS

## um atleta do Benfica

### conversa conosco . . .

**A** O grande público passou quase despercebida uma festa de homenagem a um desportista, efectuada no campo do Sport Lisboa e Benfica. Todavia, essa festa de homenagem a Joaquim Brás, jogador de rugby alinhando no grupo do Benfica merecia maior projecção. O atleta era de facto credor de carinhoso acolhimento pois que, Joaquim Brás, praticante de uma modalidade das consideradas pobres, viu-se em dado momento inibido de continuar a sua vida de desportista praticante. Um acidente recebido no campo de jogo diminuiu grandemente a sua aptidão profissional.

Joaquim Brás começou com 13 anos a sua vida desportiva. Nesse tempo jogava futebol no posto de

guarda-redes no Vitória Clube Aljustrelense. All esteve oito anos. Depois o serviço militar chamou-o e Joaquim Brás veio para Lisboa. Em 1929 passou a jogar andebol, no Benfica e no Centro de Armas e Desporto. Em 1933 estava definitivamente em Lisboa e no Benfica, praticando rugby. De todas as modalidades era esta a sua preferida... Estava-se nos bons tempos do rugby, com os fortes grupos do Sporting, do Ginásio, do Belenenses. Jogou sempre e foi seleccionado para desafios internacionais, o primeiro um Lisboa-Madrid, em 1938, depois com os franceses, com os ingleses e com a Falange espanhola. Em 1947 foi a Madrid jogar com o S. E. U. Também se deslocou a Lyon para um jogo com a selecção local. E veio o desastre a 27 de Abril desse ano num jogo com os espanhóis do S. E. U.



O team do Benfica que jogou na festa de Joaquim Brás, o atleta benfiquense de rugby, que tem a simpatia e merece o respeito de toda a gente do Benfica e do Desporto

Joaquim Brás recorda-nos a jogada depois de nos fornecer estes elementos da sua vida desportiva.

— Um jogador do S. E. U. corria para o «ensaio» com dois homens do Benfica à ilharga. Eu, já sobre a marcação, fazia placagem, mas com cuidado. Era no campo das Amoreiras e vi a vedação de madeira muito perto. O jogador espanhol baixou-se de

atleta, mas isto sucede a qualquer...

Joaquim Brás confessa-se imensamente agradecido para todos do Benfica e para aqueles que tornaram possível a sua festa.

O desporto perdeu um praticante entusiasta mas conserva o adepto firme e dedicado.

FERNANDO SÁ

## Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a Africa Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

## A Revista «Stadium»

vende-se no Rio de Janeiro na CASA VANNI 161, Avenida Rio Branco, 161

# A VIDA de Fernando PEYROTEO

## FAMOSO JOGADOR DE FUTEBOL

Escrita por Pitta Castellejo

(Continuação)

VII

A par das duas internacionalizações obtidas, juntou, ainda, no final da temporada, o título de vencedor do Campeonato de Portugal, por ter tomado parte no encontro em que o Sporting derrotou o Benfica por 3-1, no jogo derradeiro, efectuado em 26 de Junho de 1938.

Com uma ascensão vertiginosa no âmbito futebolístico, Fernando embora contentíssimo, não se envaldeceu nem se esqueceu de recordar a miude que as responsabilidades haviam aumentado muito mais e que se tornava forçoso, depois de ter desbravado o árduo caminho, continuar a pisar terreno firme, que o mesmo é dizer, prosseguir a carreira tão auspiciosamente iniciada, com o mesmo interesse, com idêntica fé, com semelhante entusiasmo!

Fiel à linha de conduta que traçou, foi trabalhando na correcção dos defeitos que possuía, recolhendo com atenção os ensinamentos e aplicando, depois, os conhecimentos teóricos adquiridos, na prática desta modalidade, tão emotiva, tão cheia de beleza pelo imprevisível, tão aliciante no seu aspecto de beleza atlética e que cultivava com essa carinhosa solicitude, que era sintoma espontâneo do prazer que lhe ia na alma!

A sua posição e prestígio foram aumentando com o decorrer do tempo, engrandecendo mais e mais a hoste dos seus admiradores, não só dos de feição clubista, mas também aqueles que começaram a reconhecer, com isenção, que o valor do atleta leonino seria de grande utilidade, uma vez aproveitado para a equipa representativa do País.

Em todos os prélios, a sua figura destacava-se, a sua mobilidade era notada, a sua fobia em meter golos chamava a atenção!

Nunca deixou de lutar com entusiasmo, empregando-se de princípio a fim com o mesmo afincado, quer a sua equipa estivesse em boa posição, quanto ao marcador, quer quando houvesse imperiosa necessidade de queimar as últimas energias, de espreitar uma desatenção dos contrários, para com um potente remate ou um oportuno golpe de cabeça, fazer mudar a sorte de uma pugna ou diminuir a diferença assinalada pelo resultado numérico de tentos.

Os detractores, e alguns houve, alegavam que Fernando não sabia jogar, que os companheiros é que trabalhavam para ele, que não sabia dominar a bola, que só sabia empregar o físico e rematar com êxito quando a bola lhe era posta a geito!

Fernando Peyroteo, comprovou o seu valor de forma indubitável, porque quando os comentários e as discrepâncias começam a gravitar em torno de determinado indivíduo, — seja qual o ramo de actividade em que emprega o melhor do seu esforço, boa vontade e inteligência — não é astúcia declarar sem reboço que o visado reúne qualidades tais que o tornaram notado entre tantos outros que não mereceram a honra de sair da vulgaridade.

Desde o início da temporada de 1938-39 até ao fecho da de 1940-41, a posição do avançado-centro dos «leões», consolidou-se.

A fama do seu merecimento deixou de estar circunscrita ao continente e colónias e galgou as fronteiras da pátria, levando ao conhecimento de alguns países estrangeiros o mérito do atleta português.

Chamado a representar Portugal, três ve-

zes mais durante este lapso de tempo, averbrou no seu activo a sexta vez em que, orgulhosamente vestiu a ambicionada camisola das quinas, galardão com que sonham todos os que praticam desporto, seja qual for a modalidade.

Em 6 de Novembro de 1938, em Lousana, não conseguiu fazer anichar a bola nas redes contrárias nesse desafio contra a Suíça em que se perdeu por 1-0, mas portou-se à altura dos seus créditos, tendo impressionado vivamente.

No mês de Julho do ano seguinte, seleccionado pela A. F. L., defrontou os sevilhanos no IV Lisboa-Sevilha, e terminada a época era campeão de Lisboa.

Em 1939-40, tomou parte no XXXVI Porto-Lisboa, o célebre, em que a vitória sorriu à capital pela expressiva marca de 13-2!

Depois, seleccionado para o Portugal-França, lá foi de longada até Paris, onde teve, então, tempo de sobra para se extasiar na contemplação de tantas e múltiplas maravilhas!

Aos 7 de Janeiro de 1940 e 15 e 22 de Dezembro, por mais três vezes envervou a camisola da cidade de Lisboa, defrontando a selecção portuense.

Obteve a quinta chamada à equipa nacional para jogar contra a Espanha, em Lisboa, no dia primeiro de Janeiro de 1941 e, acabada a temporada de 1940-41, ganhou mais uma vez o Campeonato de Lisboa e foi vencedor do Campeonato Nacional da I Divisão e da Taça de Portugal!

O aprumo moral de Fernando Peyroteo, o seu garbo e, sobretudo a sua lealdade, granjearam-lhe enraizadas amizades e profundas simpatias entre os próprios adversários.

Os guarda-redes, em especial, embora o temessem pelo perigo constante que representava, não tinham receio de «mergulhos» para lhe impedir o remate fatal, certos como

estavam de que acima da impetuosidade que lhe era peculiar, imperava o frio raciocínio e o auto-domínio que o impedia por índole, educação e respeito pelo camarada, de cometer qualquer atitude agressiva ou assumir uma atitude desleal.

Grande desportista, pelo seu exemplar comportamento e pelas suas excelentes e viris actuações, este grande jogador!

VIII

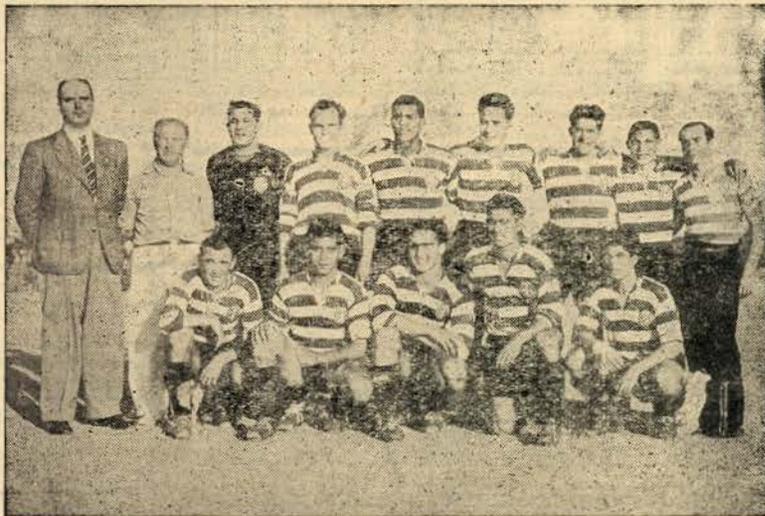
Este capítulo abrange o ciclo de 1941-42 a 1944-45, ou sejam mais quatro esgotantes temporadas de luta porfiada, de pelja rija e acesa, em que o destemor imperou e o mérito se consolidou com o «calor» que a experiência proporciona.

Fernando deixou de ser um bom jogador para ser considerado pelos críticos e orientadores do futebol português como um extraordinário atleta, pujante de virilidade, fulgurante de reflexos — uma unidade que deixara de pertencer ao âmbito leonino para ingressar definitivamente, no âmbito nacional como titular do difícil lugar de comandante do sector atacante.

Acima de todas as virtudes que de sobrejo demonstrou em dezenas e dezenas de prélios — a par dos defeitos natos comuns a todos os seres vivos — uma sobrepujou as demais, tornando-o particularmente célebre: a de marcador de golos, em todas as posições e das mais imprevisíveis maneiras.

A presença de Peyroteo em campo, dava aos aficionados, antecipadamente, a garantia de sensações fortes, de emoções desbordantes!

(Continua)



O grupo do Sporting que venceu o Campeonato de Portugal de 1938, na final de 26 de Junho. Sentados: Mourão, Soeiro, Peyroteo, Pedro Pireza e João Cruz. De pé: dr. Oliveira Duarte (presidente do Club), José Szabo (treinador), Azevedo, Rui Araújo, Paciência, Serrano, Jurado, Manuel Marques, e o maçoçista

# A jornada dos isolados

(Continuação da pág. 8)

encontrou o resultado. O empate deu-lhe forças e boa moral.

Pode talvez afirmar-se que os grupos em presença revelaram-se diferentes: que, do lado portuense, se verificou na essência muita energia; que, da parte do Sporting, houve melhor organização. Talvez tal seja uma compensação para os vencidos, mas de aqui também se pode inferir que o Porto soube dominar essa capacidade por virtude de qualidades físicas e psicológicas. Um golo fantasma conseguiu dar à partida grande interesse, mas isso é próprio do futebol.

Se a vitória do Porto surge como resultado normal, o mesmo não se deve afirmar da Académica, a qual conseguiu a surpresa de arrancar um ponto no Campo Grande. Abra-se um cortejo de honra para dar lustre ao comportamento dos estudantes de Coimbra, tal a valorização que representa incontestavelmente a ascensão de qualquer equipa da Província.

O *team* da Académica tanto nas deslocações como dentro de casa já havia demonstrado a sua capacidade. Mas precisava, sem dúvida alguma, de um exame perigoso e difícil para ganhar moral e posuir a certeza dos seus conheci-

mentos. E a verdade é que passou no exame, confundindo um pouco o mestre.

No primeiro tempo, os rapazes da capa-negra tiveram jogadas deliciosas de sabor, denunciando estilo próprio e característico, e uma mecânica regular quer no ataque quer na defesa. As contingências do futebol tornaram possível que os de Coimbra revelassem na primeira fase a sua ligação e harmonia traduzidas na arte do passe e da desmarcação sempre no caminho directo das balizas, isto é, só com os desvios necessários para evitar os obstáculos.

Aos poucos, porém, o Benfica veio a ter superioridade tornando-se esta total no segundo tempo. Com mais peso e melhor preparação, o Benfica tomou o ascendente do ataque, um pouco atabalalhadamente, visto a enegria e o espírito do combate estarem na base do que se passava, não mais o largando. Nesse instante é que valeu à Académica a lei da Sorte, o trabalho da sua defesa e a actuação do guarda-redes. Mas note-se que os estudantes, apesar de submetidos ao jogo feio, e, defendendo-se com galhardia, maniveram intactas as suas linhas, registando-se grande percentagem de can-



**BANQUETE COMEMORATIVO DO 31.º ANIVERSÁRIO DO LISBOA GINÁSIO CLUBE** — Um aspecto do banquete, tendo-se a mesa de honra presidida pelo sr. Armando de Freitas. O banquete constituiu uma bela manifestação do clube que cada vez está mais forte e pujante de vida, aumentando a sua actividade e a camada de associados

## Classificação geral

	CASA				FORA				TOTAL				P.	
	J	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.		B.
Benfica.....	5	2	1	—	10-2	2	—	—	9-3	4	1	—	19-5	9
Sporting.....	5	2	—	—	8-2	2	—	1	9-4	4	—	1	17-6	8
F. C. Porto...	5	3	—	—	11-3	—	1	1	2-3	3	1	1	13-6	7
Académica....	5	2	—	—	6-1	—	3	—	4-4	2	3	—	10-5	7
Sp. da Covilhã	5	1	2	—	9-6	—	1	1	3-5	1	3	1	12-11	5
Estoril.....	5	1	—	1	1-4	—	3	—	9-9	1	3	1	10-13	5
Atlético.....	5	1	2	—	8-2	—	2	0-5	1	2	2	2	8-7	4
Sp. Braga....	5	2	—	1	9-4	—	2	2-6	2	—	3	11-10	4	
Olhanense....	5	1	1	1	6-6	—	1	1	1-5	1	2	2	7-11	4
V. S. tubal....	5	1	1	—	7-6	—	1	2	3-9	1	2	2	10-15	4
Belenenses...	5	1	1	1	3-7	—	1	1	1-4	1	2	2	4-11	4
O Elvas.....	5	1	1	—	3-2	—	3	2-8	1	1	3	5-10	3	
Lusitano.....	5	1	1	—	5-3	—	3	1-13	1	1	3	8-16	3	
V. Guimarães.	5	1	1	—	5-3	—	3	3-13	1	1	3	8-16	3	

Domingo, 6.ª jornada: Académica-Olhanense, Elvas-Benfica, Guimarães-Belenenses, Lusitano-Atlético, Estoril-Braga, Sporting S. Covilhã, Setúbal-Porto.



**UM NOVO GRUPO DE RAGUEBI** — A época do raguebi, em princípio, parece vir a ser das mais animadas dos últimos tempos. Os clubes que já praticam a modalidade tem os seus grupos em plena actividade. Há mais dois novos quintos, o do Atlético, e o do Instituto Industrial, que, pela primeira vez, apareceram em campo, disputando no passado domingo um desafio com o Sporting. A nossa gravura é do grupo de raguebi do Instituto Industrial

ção na parrelha de médios. O Benfica não soube ganhar, e a Académica soube não perder. Tratando de ângulos diferentes de visão.

Dos três que ganharam pela primeira vez desjamos destacar o Atlético. O grupo de Guimarães fez uma partida infelicíssima, nem sequer se destacando por aí. A equipa tornou-se facilmente manjável não encontrando nos sectores defensivos a indispensável coesão. O Atlético marcou quatro bolas na primeira parte, e a sensação de bem-estar deste confortável resultado permitiu o arbrandar de jogo, e por outro lado, a reacção vimaranense, sem valor apreciável. Guimarães deve ter realizado o pior encontro da temporada.

Já o Olhanense não teve uma vida feliz. Sem irmos mais longe, deve atender-se à circunstância dos golos serem conquistados perto do fim. Quere dizer, tormento prolongado. O mais difícil, como tantas vezes sucede, tornou-se o mais fácil, pois os golos são como as cerejas. Puxa-se um e logo vêm outros atrás. Os setubalenses atacaram na primeira parte quase com fúria, a favor do vento, mas não se aproveitaram utilmente da situação, entregando ao inimigo todos os trunfos.

Se o Belenenses, quanto a futebol e sua organização deixou os adeptos satisfeitos, o mesmo não se diz em relação a produtividade. Repare-se que os azuis continuam na dança do seu *team*, longe ainda do quatro definitivo, e que essas variações comportam arrazjos pitorescos. No fim é a

luta contra a falta de jogadores de estirpe e a necessidade de melhorar rapidamente. Belém jogou francamente bem no primeiro tempo, acercando-se com toda a facilidade das balizas adversárias para depois—quando acabará isto? — as alvejar mal.

O Elvas marcou uma bola no segundo tempo, e isso fez pairar a dúvida. Mas o Belenenses foi sempre melhor!

Há um homem que está a distinguir-se como rematador, o francês Simonyi, da Covilhã, agora em face de melhoramentos e recebendo ilustres visitas.

Logo no abrir o jogador francês de-pediú dois remates mortais, e isso deu uma maior coesão ao quadro covilhã-nense. Mas o Estoril, não desanimando, manteve intactas as suas céluas, e tal permitiu-lhe o empate. Os locais ainda fizeram esforços desperados, não conseguindo já passarem do empate para a vitória.

Em Braga, o Lusitano sucumbiu, após fazer futebol defensivo, o que, em contraste, nos dá imediatamente jogo com o sinal mais por parte do Sporting local.—T. S.

Verificaram-se na quinta jornada os seguintes resultados:

Porto.....	2	—	Sporting ...	1
Benfica....	1	—	Académica...	1
Belenenses.	2	—	Elvas.....	1
Atlético...	6	—	Guimarães...	0
Covilhã....	2	—	Estoril.....	2
Braga.....	2	—	Lusitano....	0
Olhanense..	2	—	Setúbal.....	0

E a festa continua!

## ARCADIA DANCING DE LUXO

— O MELHOR PROGRAMA DE VARIEDADES DE LISBOA —

### BALLET SACHA GOUDINE

A PARELHA DE BAILE E CANTO GITANO **OLYMPIA y RAGA**

**BALLET** Estrelas de Espanha | As dinâmicas orquestras Rio Clube e Arcádia

— E outras grandes atracções —

## Braga, 2 — Lusitano, 0



Da esquerda para a direita — Daniel e um adversário disputam a bola, e ambos em boa posição

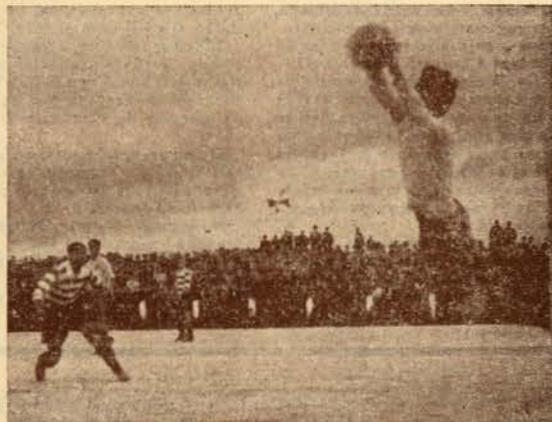
◆ Mário e Caldeira em plena luta. O algarvio elevou-se mais e ganhou o lance



## Covilhã, 2 — Estoril, 2



Precisamente no momento do remate, o guarda-redes do Estoril inter-  
vem e faz a defesa



Sebastião pára um remate por alto no seu costumado estilo

## OLHANENSE, 2 — SETUBAL, 0



João da Palma e Eminência, principalmente este, atacam com ímpeto. Carvalho defende como pode, e os companheiros procuram auxiliá-lo

# A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

## Futebol

Os ingleses aproveitaram o feriado de 1 de Novembro para visitar o Continente: Em Bruxelas, uma selecção da A. F. de Londres enfentou outra, rotulada (como é hábito) de «Demónios Vermelhos»; em Antuérpia, o clube Wolverhampton jogou contra a selecção da cidade; e, em Paris, o Arsenal exhibiu-se contra o Racing Club.

O público bruxelense não acorreu em massa para ver o encontro, principalmente porque os seus representantes haviam sido escolhidos entre jogadores da 2.ª Divisão, dada a recusa dos clubes da Primeira em fornecer os seus componentes mais categorizados.

A disparidade de valores, de acordo com as previsões, não se confirmou no terreno. Os belgas tornaram o desafio muito disputado e interessante, arrancando um empate sem bolas marcadas. Os guarda-redes dos dois grupos, em especial o belga Speckaert, actuaram com muita felicidade, em contraste com as linhas dianteiras, cuja eficiência na área do pontapé à baliza foi lamentável.

Os Wolves saíram derrotados em Antuérpia, por 2-1, depois de uma demonstração magnífica de técnica individual e de exibirem admiráveis esquemas de jogo. Na zona de remate exageraram os passes entre si, pelo que a defesa belga livrou-se de apuros em muitas ocasiões.

Os belgas lutaram com denodo, marcando os dois tentos na primeira parte, por mercê do veterano Coppens e de Devos.

Quanto ao Arsenal, logrou der-

rotar os parisienses sem grande trabalho, por 2 bolas a 1. Na primeira parte, que terminou a favor dos visitados (1-0) o grupo londrino mostrou pouco engodo pela baliza, mas no segundo tempo inverteram os papéis, ainda que o guarda-redes Vigual, associado com Gabet e Lemaire, actuassem com grande entusiasmo e antecipação.

❖ Ao cabo de um terço dos desafios previstos para o campeonato da Liga Inglesa, os primeiros lugares, na Divisão principal, estão ocupados pelo Wolves, Liverpool, Manchester United e Arsenal.

Liverpool continua invicto em 14 jornadas, situando-se a um simples ponto do primeiro, que é o Wolverhampton, com 22 pontos, acham-se o Arsenal e Manchester, ambos com 19, cujas probabilidades de vitória se mantêm intactas.

O triunfo dos arsenalistas sobre o Newcastle, fóra de casa, por 3-0, foi uma surpresa de sensação, confirmando a subida de forma dos «vermelhos», invictos de há dez jornadas para cá.

Birmingham City, a quatro pontos de diferença dos dois penúltimos — Stoke City e Bolton Wanderers — parece incapaz de sair da posição de lanterna vermelha.

De notar, igualmente, o abaixamento do Portsmouth, agora em quinto lugar, a seis pontos de intervalo do leader.

Na segunda Divisão, Tottenham mantém o primeiro posto, com quatro pontos de vantagem sobre Sheffield Wednesday e Hull City. O Preston North End ocupa o sexto lugar, com cinco derrotas.

## NOTA DA SEMANA

**N**ÃO se apogaram ainda, por completo, as manifestações de pesar pela morte de Marcel Cerdan. Um grande e belo movimento de solidariedade humana eclodiu espontaneamente nas cinco partidas do globo terrestre, expressando o sincero desgosto de todos os desportistas pela perda do grande campeão, que o Destino tão cruelmente vilimou.

Temos lido oportunidade de observar, nalgumas consciências, um leve desacordo pelo grau sentimental exagerado — no julgar dessas mesmas consciências — a que o passamento do pugilista de Casablanca deu origem, em contraste com as atitudes da opinião pública quando morrem figuras de heróis e de sábios.

Assim tem sido, com efeito. Uma ou muitas gratidões não justificariam outras, nem os desgostos se avaliam segundo determinada escala de valores, ou cotações de importância social.

O homem do povo conhece melhor os que se identificam com ele próprio, e Cerdan foi um elemento da massa anónima, sofridora e triste, que se libertou da miséria alcançando notoriedade com a ajuda dos únicos meios honestos ao seu dispor.

Incapaz de ser sábio, pobre demais para benemérito, sem oportunidade para realizar feitos heróicos (que o tempo deles já passou...) Marcel Cerdan apenas conseguiu brilhar no ringue. Mas fez-lo com exemplar dignidade, rara isenção, muito apuro e entusiasmo.

É justo que os admiradores deplem a brutalidade do seu passamento, quando a vida lhe sorria e ele caminhava, seguro do êxito, para uma grande prova das virtudes e capacidades mais humanas que existem.

**D**ECIDIDAMENTE, o futebol na Argentina é um pretexto para acanallar os árbitros e explodir os maus sentimentos. Lemos agora, num telegrama oriundo de Buenos Aires, que a policia resolveu reforçar as guarnições dos estádios, a fim de poder dominar o público quando este se resolve a intervir na marcha dos acontecimentos do relpado.

Durante o desafio entre o clube Boca Junior e o Racing daquela cidade, isto é, entre o mais popular e o primeiro classificado do campeonato argentino, a assistência enfureceu-se com determinada decisão do árbitro inglês, Mr. R. H. Maddison, e pulou para o interior do gramado no intuito de agredi-lo.

Mr. Maddison suspendeu imediatamente o «match», saindo de baixo de escolta para salvaguardar a pele.

Há certas paixões cuja índole nos parece patológica. É compreensível a indignação contra injustiças de julgadores ou contra violências repugnantes, mas dentro dos habituais limites de protesto denominados oratórios. O ataque em massa, como é uso na Argentina e, raramente, noutros países, contrasta francamente com a finalidade do desporto a ética das competições de um povo.

Custa a crer, observando o exemplar comportamento dos futebolistas sul-americanos, a técnica impecável e brilhante dos seus elementos, os recursos ao seu alcance, etc., que o público se conserve tão primitivo e incendiário, conforme se lê nos relatos dos incidentes.

É certo que se jogam, por vezes, fortunas num só desafio. Será esse o ponto nevrálgico do problema?

Eis uma dúvida a esclarecer, embora não baste como justificação.

RAFAEL BARRADAS



O encontro anual entre os grupos vitoriosos de baseball, pertencentes à Liga Nacional e à Liga Americana, está em plena efervescência. Os encontros entre os Yankees, de Nova York, e os Dodgers, de Brooklyn, foram ganhos primitivamente, pelo primeiro grupo. Nesta fotografia vê-se Harold Reese, pronto a aplicar uma cacetada decisiva na primeira bola que se jogou no desafio. Assistiram ao encontro 66.000 espectadores

## Boxe

Os principais combates ocorridos na semana passada foram os seguintes:

Em Paris, o italiano Tibério Mitri, campeão europeu de «médios», derrotou por pontos Gilbert Stock, irmão de Jean Stock, que ostenta o mesmo título nacional. O combate teve a duração de dez assaltos.

❖ Em Inglaterra, Manuel Ortiz, campeão mundial de «levíssimos» ganhou por pontos a Jackie Paterson, antigo campeão mundial de «mínimos» com grande vantagem.

Dick Turpin, campeão de Inglaterra de «médios», pôs fora de combate o titular canadiano da referida classe ponderal, George Ross, por inferioridade física ao 7.º assalto.

Na mesma sessão, o marroquino espanhol António Salmeron venceu Maurice Maneini ao 7.º assalto, por desclassificação.

❖ Nos Estados Unidos anunciou-se o nome de Robert Villemain — ou será o de Dauthuille, como nos parece lógico? — para substituir de Cerdan no próximo dia 2 de Dezembro, no Madison Square Garden sem que o título estivesse em disputa.

❖ O negro Sandy Saddler, ex-campeão do Mundo de «semi-leves», combateu com o peso «leve» De Marco a quem pôs a dormir ao 9.º assalto.

❖ Foi adiado o encontro entre Livio Minelli, campeão da Europa de «semi-médios», e Ike Williams, campeão do mundo de «leves», por ferimentos recebidos: durante os treinos, quanto ao primeiro, em combate contra Al. Mobley, quanto ao segundo.

# Stadium

## na capital do Norte

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

Prepara-se a realização de um encontro entre as selecções do Porto e das Astúrias, em futebol. Como se sabe, as duas equipas já se encontraram duas vezes, há anos.

Os festivais de ciclismo com Coppi também não deixaram prejuízo, embora na primeira sessão fosse modesta a receita da bilheteira. A segunda foi compensadora.

Ghegou um novo jogador para o Boavista F. C., dizendo-se que se trata de um caboverdeano de excelente categoria. Além de bom jogador, salta à vara e em altura.

O jogador Sanfins, que tem sofrido de uma lesão no joelho, já se encontra melhor. Calcula-se que venha a reaparecer brevemente. Ao contrário de muitas suposições, Sanfins não foi afastado da equipa.

O facto de Dias Santos continuar a correr, não indica que não esteja castigado. Os 45 dias de castigo atingem os seus vencimentos.

O F. C. do Porto prepara uma reunião com um elemento ligado à causa arbitral. Nos meios bem informados julga-se que pode haver alguma importância no julgamento de certas atitudes.

Ficou assente a realização do jogo Porto-Salgueiros, no dia 1 de Dezembro próximo. A Associação dos Jornalistas do Porto está interessada neste encontro.

O constante fracasso dos árbitros setubalenses, nos jogos do F. C. do Porto, chama mais uma vez para o assunto das arbitragens a discussão pública.

Desejam os desportistas portugueses, e com razão, que marquem antes árbitros de Lisboa para os desafios entre o seu principal clube e outros adversários, mesmo da Capital. Claro:— menos aqueles que também já deram certas provas...

## FAUSTO COPPI

QUANDO o campeoníssimo Fausto Coppi chegou de Viseu, falámos-lhe na sede do F. C. do Porto depois de havermos trocado já impressões na capital da Beira Alta. A primeira declaração de Fausto Coppi impressionou-nos. Falámos-lhe da «Volta à França» e Coppi disse:

— Não correrei mais na «Volta à França»! Devemos dizer que, depois desta afirmação, lemos já que Fausto Coppi desejava ganhar mais uma vez esta grande prova francesa... Mas vamos dar-lhe a palavra:

— Eu corri a última «Volta» para provar aos críticos que era capaz de vencer. Afirmando que eu não tinha pernas para a «Volta»... Provado o contrário — não comparecerei novamente.

Registada esta sensacional declaração de Fausto Coppi, quisemos saber o que pensava de Gino Bartali — o rival. O campeoníssimo, que tem um nariz «estilo águia», um peito larguíssimo e pernas altas e delgadas, endireita o dorso quase sempre curvado, e afirma:

— Gino Bartali não é meu rival. Eu é que sou rival dele... Como?

— O meu compatriota é um Mestre sobre a bicicleta. Muito aprendi com ele, pode crer, e com ele aprendem todos os ciclistas, mesmo os campeões. Gino Bartali é inconfundível.

— Mas isso diz ele de si, Fausto Coppi... Eu sei que Bartali, quando lhe é possível, me confunde com as suas apreciações ilusórias. Fruto da sua amizade.

O carro de Atilio Lambertini abandona Viseu em direcção à capital do Norte. Fausto Coppi tem de agradecer aplausos amigos e mostra-se contente como uma criança cheia de mimo...

E Fausto Coppi, com seu irmão Serge e Lambertini chegam finalmente ao Porto. Recebido na sede dos campeões nortenhos, Fausto Coppi começou por ser agora alvo da curiosidade portuense. No primeiro dia, domingo, o campeoníssimo impressionou todo o público que se deslocou para o Lima, fazendo na verdade esquecer por completo o «omonge voador» e dando a todos uma autentica lição. Na segunda apresentação, — Coppi assombrou quando perseguiu Fernando Moreira...

Falámos-lhe novamente, agora, no hotel onde se encontra hospedado. Era oportuno conhecer a sua opinião sobre os corredores que enfrentou, sobre a pista e sobre o público...

O campeão, amável e franco, mas muito mais jovem do que Bartali, responde-nos imediatamente:

— Em primeiro lugar declaro-lhe que o público tem sido para comigo de uma simpatia que não esquecerei mais. Estou contentíssimo por ter vindo a Portugal. Acredite que aprecio agora muito mais o convite que me fez o F. C. do Porto, por intermédio do meu compatriota Atilio Lambertini.

— O público gosta dos atletas extraordinários. V., Fausto Coppi, está nesse número...

— Extraordinário? Já fui batido muitas vezes...

Falamos-lhe então de vários competidores. Coppi ouve citar nomes italianos, franceses, belgas e suíços. Responde-nos deste modo:

— Os meus compatriotas são os mais difíceis de bater. Na Itália pratica-se o ciclismo com verdadeira paixão, no frio e no calor. Preparamos-nos todos cuidadosamente, e aqui está por certo o segredo das vitórias e da «extraordinária» classe que nos aponta.

— Isto indica que Fausto Coppi, esteja onde estiver...

— Sim — esteja onde estiver, treino-me com método; ou melhor dizendo, — treinam-se todos os ciclistas que quiserem brilhar. Eu, por exemplo, já hoje fui à pista. E depois das 14 horas, andei na estrada bastantes quilómetros com meu irmão Serge. Atravessei a linda ponte sobre o rio que abraça o Porto e fomos até bem longe.

— Gosta da pista do Lima?

Coppi olhou intencionalmente para seu irmão. Como que a perguntar-lhe: «Gostas?». Um sorriso de compreensão entre ambos. E depois:

— Nós damos preferência a pistas de cimento ou madeira. Mas a do Lima é uma solução.

— Sobre os corredores portugueses, que opinião formou?

— Deve faltar-lhes contacto com os grandes nomes da velocipédia. Mas as suas possibilidades são boas.

Estava concluída a segunda fase da entrevista. A Fausto Coppi, que se impõe na verdade a quem converse com ele alguns momentos, agradecemos a maneira amável como nos atendeu; mas o seu gesto de clara modestia revelou-nos que as entrevistas faziam parte da sua bagagem e do seu dia-a-dia desportivo.

## O árbitro

VALERÁ ainda a pena deitar mais um braço de lenha na fogueira? Valerá ainda a pena dizer que há árbitros demasiadamente infelizes, e logo por sorte quando joga a equipa do F. C. do Porto? Valerá ainda a pena esperar que a Comissão Central ou quem na solução do caso pensar, resolva cortar este mal pela raiz?

Chegamos a supor que não. Infelizmente para o futebol, continuam a suceder coisas aborrecidas. Os grupos vão sendo derrotados à força, e quando a crítica aponta os erros logo se julga haver parcialidade e duplo sentido na apreciação.

Ainda há dias nos disseram que um árbitro muito conhecido afirmara no Estoril a um director do F. C. do Porto, quando este se queixava da pouca sorte do seu clube, que numa crítica nossa lhe chamavamos «desonesto». Ora aqui está mais uma fantasia dos srs. juizes de campo.

Nunca por nunca apreciámos a capacidade moral do homem, po's julgamos que essa não deve ser invocada. Quanto ao «árbitro», o caso muda de figura. O árbitro, seja amigo ou simples conhecido não pode deixar de ser julgado. Pode apreciar-se o árbitro sem ser seu inimigo. Pode discutir-se a sua acção sem que isso envolva o seu nome, por certo muito respeitável, inegavelmente sério.

Confundir as coisas é querer o papel de vítima. Assim não vale. Nós queremos apenas que o árbitro dirija os encontros com autoridade e são critério; que não fique na vida dos clubes a marca das suas atitudes irregulares; que a Imprensa e o público não tenham de condenar deslizes perigosos e estabelecer o mal estar e a confusão.

Ninguém deseja mal ao árbitro, porque ele é preciso. Mas ninguém está para assistir, domingo a domingo, a cenas que ferem o bom senso e... colocam os clubes na maior dificuldade!

RODRIGUES TELES

# SPORTING PERDE NO PORTO



Em cima — Wilson chutou de forma a desviar o esférico do alcance do guarda-redes, e o Porto sofreu a bola sportinguista. No meio — Azevedo sói das balizas, e, servindo-se do punho direito, ajasta o perigo. A sua volta, os jogadores aguardam o desenvolver do lance. Em baixo — Jogada movimentada na área perigosa do Porto, mas Wilson terá grande dificuldade em injiltrar-se no terreno. Veja-se a disposição dos jogadores...

Em cima — Alfredo antecipa-se a Wilson, o novo avançado-centro do Sporting, e corta a jogada. Para o que desse e viesse, estava Virgílio ao lado. No meio — Graça consegue evitar o remate de cabeça de Wilson. Vasques, alrazado, ainda espera qualquer coisa... Em baixo — O guarda-redes portuense, num voo magnífico, desvia a bola para canto.